

A ressurreição e não a imortalidade



QUINTO DOMINGO

(Ez 37,12-14; Rm 8,8-11; Jo 11,1-45)

«Se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido!» (Jo 11,22). Na reprovação que, sem muitos rodeios, Marta dirige ao Mestre, se subentende uma convicção não expressa. Quem é amigo do Mestre não deveria morrer. Caso contrário, porque acreditar?

Pensemos que por trás de tantas crises de fé pode haver o escândalo de julgar que, se uma pessoa é boa e crente, porque Deus não a protege? Mas Jesus jamais prometeu coisas desse gênero, isto é, a isenção da morte. Antes, no caso do seu amigo Lázaro, é como se o Mestre vivesse antecipadamente a sua morte. Como de resto ocorre também a nós, quando somos atingidos por golpes relacionados aos nossos entes mais caros: nós choramos não apenas a pessoa que se foi, mas sobretudo por nós mesmos, porque prevemos nosso fim.

Aquilo que toca, na narração, são duas particularidades: a demora com a qual Jesus se dirige até Lázaro e, ao mesmo tempo, o seu choro irrefreável. Se é verdadeira a primeira, não se compreende a segunda e, vice-versa. De um lado, Jesus não se precipita em ir curá-lo, como se esperaria. Só depois de dois dias decide ir, não obstante as resistências dos seus que não queriam que ele fosse à Judéia. E quando decide, explica: «O nosso amigo Lázaro está dormindo, mas eu vou despertá-lo» (v. 11). Esta é uma afirmação inacreditável, porque Jesus entende a morte como passagem inevitável, mas não definitiva.

Nós fugimos da morte, removêmo-la, mas é o nosso fim certo. Para acreditar na ressurreição é preciso primeiro acreditar na morte. Porque o ponto central não é a imortalidade, mas justamente a ressurreição. Sob essa visão, o crente não tem o que fazer. Morre como todos e, como para todos, a morte de quem amamos é uma perda. Por isso Jesus chora, porque nada do que é humano lhe é estranho. Nem mesmo a morte, que experimentará até o terceiro dia.

Jesus, de fato, não se dá por vencido e reza ao Pai, como se o milagre já estivesse realizado. «Pai, te agradeço porque me ouviste. Eu sei que tu me escutas sempre» (v. 43). É esta certeza, que nasce do diálogo com Deus, que pode fazer-nos passar através da trágica afirmação da morte, sem perder a confiança. Não é de se estranhar se também nós, como Marta, vacilamos, mas é preciso fazer crescer a nossa amizade com Jesus, para que ele mesmo nos tome pela mão naquela hora decisiva. Outro caminho não há. Só ele já passou por isso. E nos espera.

Pe. Domenico Pompili

Para onde vou

*A vida está escondida sob a morte.
A razão não entende, mas a fé diz:
Eu morro em Cristo. Lá para onde vou,
o encontrarei.
Na morte eu vejo a vida.*

(M. Lutero)

www.paoline.org